

BLEMA, O “CAUSO” DA ÁGUA ENCANADA NO CARIRI VELHO

Diana Helene Ramos

Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo - UNIGRANRIO doutoranda IPPUR - UFRJ

Resumo

A partir de uma história (um “causo”) vivida e reinventada pela autora - a saber: um passeio à região do Lajedo Velho, no sertão da Paraíba - se desenrola um debate sobre o impacto da inserção de tecnologias no território. Por meio das questões colocadas pelo geógrafo Milton Santos acerca dos desdobramentos que envolvem a adoção de meios técnicos-científicos-informacionais, busca-se indagar em que medida o conforto do acesso à água encanada adquirido por uma comunidade carente implica uma série de contradições sobre a maneira como as tecnologias são concebidas, valoradas e assimiladas.

Palavras-chave: *Paraíba, Tecnologia, Território.*

Abstract

From a story lived and reinvented by the author - namely, a walk to the Lajedo Velho area, at the Brazilian northeastern dry lands, at Paraíba state - unfolds a debate on the impact of technology integration on the territory. Through the issues raised by the geographer Milton Santos about the adoption of technical- scientific-informational equipments, the objective is to ask to what extent the comfort of access to piped water acquired by a poor community implies a series of contradictions on how technologies are designed, valued and treated.

Keywords: *Paraíba, Technology, Territory.*

Resumen

A partir de una historia vivida y reinventada por la autora, un caso - es decir, un viaje a la región del Lajedo Velho en el interior de Paraíba - desarrolla un debate sobre la neutralidad de la integración de la tecnología en el territorio. A través de las cuestiones planteadas por el geógrafo Milton Santos acerca de los acontecimientos que afectan a los medios técnicos-científicos-informativos, buscamos determinar en qué medida la comodidad del acceso al agua por cañería para esta comunidad pobre refleja una serie de contradicciones acerca de la forma en que las tecnologías son diseñadas, valoradas y asimiladas.

Palabras clave: *Paraíba, Tecnología, Territorio.*

Introdução: breve apresentação de processos socioespaciais que permitam a reflexão da influência exercida pela técnica na configuração das relações sociais[1].



*Figura 1: foto do passeio no Lajedo Bravo
(Diana Helene, 2010)*

O objeto de reflexão desse ensaio é um “causo[2]”, uma história que vivenciei e apresento aqui, descrevendo mas também, de alguma forma, “reinventando” de memória os fatos que observei. A reflexão apresentada também é fruto do trabalho final da disciplina “Sociologia das Técnicas”, realizada no 1o bimestre de 2011, a última disciplina lecionada pela Profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro (IPPUR/UGRJ), então minha orientadora de doutorado, antes de sua partida desse mundo[3]. Nessa época, a todo momento durante as exposições e leituras vividas na disciplina, o “causo” a seguir me vinha a mente.

A história em questão aconteceu na Paraíba, em 2010, quando fui visitar minha sogra que mora em João Pessoa. Ela queria levar eu e meu companheiro para conhecer os Lajedos[4] da região do Cariri Velho, no Sertão da Paraíba. Lá, essas formações rochosas excepcionais ficam dentro de pequenas propriedades privadas, que durante muito tempo ficaram praticamente esquecidas pelo desenvolvimento moderno. Em um destes Lajedos, fomos na casa do guia que nos levaria para conhecer o “Lajedo Bravo”, propriedade familiar do “Sítio do Bravo”. Porém, quando chegamos, sua mãe, Maria, nos avisou que ele estava de viagem e por isso não poderíamos ir ao

passeio. Minha sogra insistiu - disse que nós havíamos vindo de São Paulo para conhecer a região - e perguntou se ela não poderia nos levar. A senhora acabou concordando em acompanhar-nos, e, segundo minha sogra, que fez os dois passeios com o guia e a com sua mãe, os dois foram completamente diferentes. Isto porque Maria mostrou o Lajedo para gente do ponto de vista da sua história de relação e uso daquele lugar, bem antes do Lajedo virar um espaço turístico.

Neste Lajedo se formavam pequenas lagoas nas fissuras da pedra, com o acúmulo de água da chuva. Maria mostrava para gente quais destas eram usadas para lavar a roupa, as mais especiais, de água mais limpa. Ela ia lembrando como ela e as outras mulheres sofriam antes da chegada da água encanada. A rede de água fora instalada há muito pouco tempo, uma iniciativa do governo Lula, parte do projeto de levar água e luz para o Sertão.

Parecia que fazia muito tempo que ela não visitava essa área, e a cada momento ela lembrava de uma história. Então ela ia contando o quanto as mulheres sofriam antes, pois tinham que caminhar para chegar até essas lagoas, longe de casa, carregando as trouxas de roupa por longas distâncias no sol quente e seco do Sertão. Essas lagoas eram a única fonte de água limpa. Na época de seca, quando tudo fica seco e não chove por meses, a caminhada até essas lagoas era também uma necessidade de sobrevivência. Ela disse que as mulheres aproveitavam para juntar muita roupa de uma vez só, e passavam o dia lavando-as nas pequenas lagoas.

Elas também aproveitavam e iam todas juntas lavar roupa para ter companhia, proteção e ajuda umas das outras. “A gente lavava ali, e depois colocava em cima do granito do lajedo para 'coarar' no sol. Cada uma trazia uma comida e a gente colocava tudo junto, fazia piquenique... Ficava conversando... Nossa!! Faz tanto tempo que eu não vejo a Joana e a Luzia...” Aos poucos a conversa, que ela contava no começo lembrando com tristeza da vida sofrida sem a infraestrutura da água encanada, mudou para uma certa nostalgia das relações sociais que foram modificadas com a chegada do conforto do encanamento. Ao final, ela ainda disse “Que coisa... nós moramos um do lado do outro e ninguém mais se encontra, cada um com sua torneira dentro de casa, cada um vendo sua TV sozinho dentro de casa.”

Detalhamento do contexto de manifestação desses processos, incorporando a reflexão do espaço.

Essa história me causou uma certa angústia - ao mesmo tempo que diversas dúvidas - acerca do desenvolvimento tecnológico. Por qual razão, a inserção de um objeto técnico no território para prover um benefício – com importância primordial em uma região tão inóspita - poderia ser desagregador de relações pessoais de cunho coletivo e solidário?

De acordo com Milton Santos, a técnica é a principal forma de relação entre o homem e a natureza, e desta relação entre tecnologia e meio se configuram os espaços: “as técnicas são meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço” (SANTOS, 2006: p.16). É o que esse autor nomeou como “MEIO TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL”, que consiste na transformação paulatina do espaço natural realizada pelo ser humano por meio do uso das técnicas, que se difundiram em função do processo de globalização e da propagação de novas tecnologias pelo mundo, principalmente pela “fluidez” de informações características do tempo atual (Idem, 2010).

No nosso objeto de análise, a instalação da rede de água encanada alterou as relações sociais a partir da desconstrução do espaço de encontro das lavadeiras, para uma revalorização do espaço da casa como o local para exercer essa atividade, sobretudo de maneira individual.

Esta tecnologia inserida no território impulsionou no cotidiano da comunidade uma sobreposição dos espaços individuais sobre os espaços coletivos. Isto porque, segundo Milton Santos, cada técnica predispõe uma maneira diferente de comportamento e regulamentações próprias que trazem para os lugares novas formas de relacionamento (Idem, 2010: p.68).

Além disso, os deslocamentos das pessoas foram alterados, com o redimensionamento das distâncias que cada um havia que percorrer. Essa nova configuração também alterou os usos do espaço da comunidade, (re)delimitando este espaço até os limites nos quais alcançam as redes de água e, outras tecnologias de mesmo formato, como a energia elétrica, por exemplo. Outra indagação realizada por Maria: “Não se faz mais festa no Lajedo, porque lá não tem energia elétrica para poder levar rádio e lampada. Mas e antes? Que não tinha energia elétrica para nenhum lado, como fazíamos mesmo?”. Os pontos de água e luz redimensionam o espaço da comunidade ao mesmo tempo que reorganiza as relações sociais no território:

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (Idem, 2006: p. 39).

Pode-se considerar que a própria territorialidade do local, enquanto “comunidade” é reconfigurada. Segundo Milton Santos, a ideia de comunidade é criada em um contexto delimitado de espaço no qual o sentido de identidade entre todas as pessoas e seu espaço geográfico produz uma espécie de territorialidade absoluta/genuína, que depende de uma noção particular dos seus limites, mantidos pelo domínio e pelo poder sobre o mesmo território (Idem, 2010: p.62).

Além disso, outra reconfiguração espacial e simbólica aparenta ter acontecido no Lajedo Bravo. Esta formação geográfica, que antes provia locais de água limpa para uso da comunidade, parou de ser usada pelas pessoas da comunidade. Quando a nossa história começa, no início do

passeio, Maria diz que desde que instalaram a rede água ela nunca mais tinha voltado ao Lajedo. No entanto, o local não foi totalmente abandonado pois virou ponto turístico, e, dessa forma, se conecta agora com redes de circulação externas provenientes de outros territórios.

Observação da natureza potencialmente sistêmica da influência exercida pela técnica

Segundo Milton Santos (Ibidem: p. 17) é necessário levar em conta nas análises sociológicas a tecnologia embutida nos objetos. Isto porque, as relações sociais se apoiam nos objetos técnicos, e, dessa forma, constituem elos indissociáveis entre técnica e cultura: a história da técnica é a história da humanidade sobre a terra. Por essa razão, os fatos humanos deveriam ser examinados em função de um conjunto de técnicas (Idem, 2006: p. 19). Se pensamos que a técnica é um produto da natureza humana, ela é meio (contexto) e mediação (instrumento). A própria reprodução social é mediada pela técnica.

Nos lugares, as técnicas articulam um sistema de ações, ou um conjunto de ações sistemáticas, já que os sistemas de objetos e de ações conformam o espaço (RIBEIRO, 2005:

p. 116). “O espaço é, em todos os tempos, o resultado do casamento indissolúvel entre sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 1994: p.43).

Dessa forma, todas as relações do ser humano com a natureza são portadoras e produtoras de técnicas que foram se “enriquecendo, diversificando e avolumando ao longo do tempo” (Idem, 2010: p.62). Este desenvolvimento tecnológico contribuiu para as progressivas alterações nas relações territoriais, sociais e simbólicas, “mudando a face da Terra”. Isto aconteceu instrumentalizado por meio de uma visão racionalizada e objetiva do mundo (e dos lugares), e conduziu “uma organização sociotécnica do trabalho, do território e do fenômeno do poder”. Sob esta ótica, podemos pensar que o avanço do sistema técnico foi se incorporando ao solo “como próteses”, com o intuito de proporcionar a sociedade humana mais “conforto”, menos esforço, e diversas facilidades que buscam respostas aos desejos do que é chamado de “evolução” e ampliação dos horizontes da humanidade (Ibidem, p.63).

Nesse sentido, surge a justificativa de que a ideia de “processo civilizatório” é fundamentalmente estruturada e implementada a partir de meios técnicos. Portanto, temos uma “civilidade” na qual a conquista técnica é estruturada sob uma visão evolucionista do ser humano: é como se a evolução tecnológica arrastasse e superasse todos os “atrasos”.

Essa visão instaura uma hierarquia que classifica se um lugar é mais ou menos “civilizado” de acordo com o nível de desenvolvimento técnico de seu território, estruturando também, atribuições simbólicas de qualificação. Isto também é engendrado devido a implantação seletiva das técnicas no território, uma distribuição extremamente desigual, sobretudo no caso brasileiro.

Dessa forma, pode-se entender, que a garantia de acesso as redes de água e energia, além de facilitar a vida dos seus beneficiários, é considerada positivamente como um “avanço” no processo civilizatório de uma comunidade na qual estas infraestruturas se mantiveram ausentes.

Observação das formas sociais de apropriação da técnica

A técnica, no nosso “causo” foi apropriada como um benefício essencial que facilitou enormemente a vida dos seus beneficiários, garantindo o acesso ininterrupto ao consumo de água potável, evitando os grandes deslocamentos da comunidade para buscar água, entre outras diversas comodidades do serviço de água encanada.

Anteriormente, as extremas dificuldades da vida no Sertão uniam seus moradores de forma a se autoajudarem na luta pela sobrevivência. Nesse caso, a união comunitária era também uma maneira de fortalecimento perante as dificuldades. Se aproveitar da água acumulada no Lajedo; aprender em que lugar do território algumas dessas fissuras permitiriam juntar água de forma mais limpa; desenvolver um processo de utilização dessas lagoas para determinado fim; desenvolver um processo coletivo de realização dessa atividade, de modo a se fortalecer pela união e melhorar a vida de cada um etc: são todos meios técnicos que essa comunidade desenvolveu com as possibilidades existentes para facilitar e garantir sua

sobrevivência, até a chegada da água encanada. Seria esta a “a arte de resolver a vida” (RIBEIRO, 2005), na qual o “homem lento” de Milton Santos desenvolve meios e técnicas próprios, pois este conhece as circunstâncias da própria vida como ninguém.

A rede de água quando chegou “invadiu” a cultura do local pois não se tratava de um “complementaridade de técnicas, valores e saberes”, mas “um fluxo massivo de mão única” (Ibidem: p. 117):

Existem ameaças de desenraizamento quando a valorização dos lugares trazida pelos projetos de desenvolvimento local, desconsidera as técnicas, materiais e imateriais, de 'resolver' a vida. Nos lugares, não existe apenas atraso, como sabemos. Existe a memória de antigos saberes que podem sustentar a incorporação de sujeitos sociais plenos na definição dos rumos do desenvolvimento (Ibidem: p. 116).

Quando essa vida extremamente difícil recebe a inserção de uma nova tecnologia - vinda de fora, mas notoriamente qualificada como um bem “universal” - o cotidiano dessa comunidade se transforma radicalmente. Diversos aspectos positivos são alcançados, mas as relações pessoais baseadas na coletividade, solidariedade e vida comunal são afetadas. Este fato leva a muitas indagações: será que a coletividade estava baseada apenas em questões de sobrevivência? Ou o

poder que essas grandes infraestruturas tecnológicas exercem no território e na vida das pessoas é mais forte que a força das “rugosidades[5]” instauradas nos locais?

Assim se instaura o conflito das minhas observações acerca do nosso “causo”: como incorporar a melhoria na qualidade de vida trazida pelo desenvolvimento técnico universalizante sem destruir os laços comunitários e coletivos engendrados na “arte de 'resolver' a vida” dos moradores da comunidade?

Formulação de questões

Podemos considerar que, no “causo” aqui relatado, a rede de água carrega, embutida na sua tecnologia, não só a melhoria das condições de vida, mas uma maneira de reestruturar o território que implica numa certa forma de se relacionar em sociedade.

Isto acontece porque a tecnologia não pode favorecer todos tipos de ação, por isso acaba por favorecer um certo tipo de ação, que é vinculado a quem teve o poder de elaborar e instalar no território as técnicas. Os que tem poder, no caso do capitalismo, são aqueles que tem poder econômico, e por essa razão, regem quais processos técnicos serão criados e estabelecidos:

Objetos não agem, mas, sobretudo no período histórico atual, podem nascer predestinados a um certo tipo de ações, a cuja plena eficácia se tornam indispensáveis. São as ações que, em última análise, definem os objetos, dando-lhes um sentido. Mas hoje, os objetos 'valorizam' diferentemente as ações em virtude de seu conteúdo técnico (SANTOS, 2006: p. 55).

Ou seja, no caso do nosso objeto, a forma como é estruturada a rede de água privilegia as relações sociais mais individuais e fechadas no ambiente da casa. Ela prioriza algumas ações e dificulta a realização de outras, no caso, os encontros entre as pessoas que não habitam a mesma casa.

Um dialogo interessante seria discutir como a inserção de uma técnica, vendida ideologicamente como objetivamente racional e neutra, modifica profundamente as relações sociais do território e os próprios meios geográficos, a favor de certos valores.

O que leva a pensar de que forma estas tecnologias são pensadas, projetadas e criadas. Existiria uma outra forma de melhorar o acesso a esses recursos sem desagregar a vida coletiva? Seria a maneira como esta infraestrutura é pensada e sua inserção no território o motivo da desagregação?

Segundo Álvaro Vieira Pinto (VIEIRA PINTO, 2005: p.122) “(...) o homem faz a maquina já nascer regulada, regulada pelo seu próprio projeto criador”. Para este autor é importante situar as maquina no ser humano que a projeta e executa (Idem: p.110). O engano de pensar a maquina como autônoma e neutra, geralmente omite que esta foi criada por um sujeito, um sujeito elaborador. Nesse caso, a tecnologia carrega consigo os valores de quem a pensou.

Analisando as tecnologias da sociedade atual, vemos que – na maioria das vezes[6] - estas refletem, valorizam, justificam e promovem os valores capitalistas: a racionalidade, o individualismo, a competitividade etc. Segundo Milton Santos, trata-se de uma técnica e uma ciência seletivas: “a ciência passa a produzir aquilo que interessa ao mercado, e não à humanidade em geral, o progresso técnico e científico não é sempre um progresso moral” (SANTOS, 2010: p. 65).

Pode-se afirmar que as tecnologias desenvolvidas pelo ser humano até então são, com algumas exceções, criadas de acordo com o desenvolvimento capitalista. A tecnologia hegemônica seria, nesse sentido, um reflexo do individualismo crescente da sociedade moderna: prioriza as ações individuais sobre as coletivas.

Além disso, essas tecnologias são pensadas por meio de uma base hierárquica, dependente de uma central distribuidora, ao qual os beneficiários não tem acesso, muito menos qualquer tipo de agencia ou controle. O desenvolvimento capitalista das técnicas caminha ao lado da divisão especialista do trabalho, que aliena o ser humano e o deixa em uma condição de dependência tecnológica.

Outra característica que essas tecnologias adquirem é uma espécie de “aura mágica” - desconhecemos como foram construídas, seus funcionamentos internos e, por essas razões, não sabemos mais fazer certas atividades sem elas - se agregando também, nesse contexto, a ideia do fetiche:

A técnica apresenta-se ao homem comum como um mistério e uma banalidade. De fato, a técnica é mais aceita do que compreendida. Como tudo parece dela depender, ela se apresenta como uma necessidade universal, uma presença indiscutível, dotada de uma força quase divina à qual os homens acabam se rendendo sem buscar entendê-la. É um fato comum no cotidiano de todos, por conseguinte, uma banalidade, mas seus fundamentos e seu alcance escapam à percepção imediata, daí seu mistério. Tais características alimentam seu imaginário, alicerçado nas suas relações com a ciência, na sua exigência de racionalidade, no absolutismo com que, ao serviço do mercado, conforma os comportamentos; tudo isso fazendo crer na sua inevitabilidade (SANTOS, 2010: p.45).

Eu poderia tentar afirmar, neste caso, que as infraestruturas urbanas de provisão de água ou luz podem se encaixar em praticamente todas categorias citadas até então: agrega os valores de civilidade e evolução moderna para quem as recebe; possuem uma composição hierárquica na qual os usuários tornam-se ao mesmo tempo dependentes e alienados do domínio deste meio; transforma um bem natural em mercadoria, pois seu uso depende de pagamento de cada litro de água utilizado; funciona sob o fetiche e a alienação, fazendo a provisão de água sair das torneiras

como algo mágico; promove a vida moderna individualista, a divisão/especialização do trabalho, e a não necessidade de compartilhar ou ser solidário para sobreviver.

Estas afirmações pretendem relativizar a visão objetiva e neutra acerca da tecnologia. A questão não é afirmar se seria melhor ou não a água encanada ter chegado no Lajedo Bravo, mas tentar desvendar o dilema do nosso “causo” a luz da bibliografia.

Considerações Finais

Penso que cheguei ao ponto de demonstrar porque o exemplo do serviço público de rede de água, nesse caso, é, para mim, um ótimo objeto de análise. Isto porque é quase impossível supor que um benefício deste tipo poderia ter alguma característica negativa. Levar água e energia elétrica para quem não tem acesso é um fato notoriamente considerado positivo. E é exatamente essa característica que mais me interessou.

Existiria outra forma tecnológica na qual se garantissem os fins planejados (facilidade de acesso contínuo a água potável), e nela estivessem embutidos outros fins decorrentes de sua forma, que não promovessem o individualismo e a segregação dos laços comunitários?

A partir dessa história, vivenciada enquanto um “causo”, pode-se aprofundar o estudo das modificações das relações sociais engendradas no território após a instalação da rede encanada. Nesse sentido, a partir das observações prévias se aprofunda outras alterações no cotidiano da comunidade. Seria preciso verificar ainda se essas alterações de fato atingem a comunidade de forma sistêmica. Bem como, se alguma outra atividade coletiva foi modificada com a chegada da água encanada.

É importante compreender se, de fato, a vida comunitária se prejudicou, tendo em vista a possibilidade de uma adaptação aos requisitos das novas configurações da tecnologia no território. Seria interessante também, elaborar uma análise dos valores embutidos e/ou promovidos pela tecnologia instalada, verificando de modo mais aprofundado se eles de fato constituem uma relação sistêmica com os valores capitalistas.

Por fim, seria interessante realizar uma pesquisa de outras tecnologias para provisão de água potável que trabalhem em conjunto com o desenvolvimento da vida coletiva, autogestionária, entre outros valores contra hegemônicos.

Referências bibliográficas:

RIBEIRO, Ana Clara Torres. “O desenvolvimento local e a arte de ‘resolver a vida’”. In: LIANZA,

SADDOR, F, **Tecnologia e Desenvolvimento Social e Solidário** . Porto Alegre, Editora UFRGS, 2005, p. 109-120.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico internacional**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da USP, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro / São Paulo: Record, 2010.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.



Figura 2: "piscina" de água no Lajedo Bravo (Diana Helene, 2010)

[1] Escolhi manter estas divisões no texto, que seguiam itens requeridos pela Profa. Dra. Ana Clara Torres Ribeiro para realização do trabalho final. É uma forma de manter uma conexão entre a proposta que ela requisitou e o que foi desenvolvido, e publicado como ensaio.

[2] “Causo” é uma pequena história, acontecida e/ou inventada, narrada oralmente. Típica de rodas de viola caipira.

[3] Publicar esse ensaio é também uma homenagem a essa professora que tanto me ensinou sobre as relações entre o espaço, o ser humano e a tecnologia. Lembro que, quando corrigiu esse trabalho, ela já tinha apontado o desejo de publicá-lo, e por essa razão minha alegria em poder passar aqui nesse texto uma parte das reflexões que essa professora me inspirou.

[4] Lajedo é uma formação rochosa composta de uma base de granito de longa extensão, coberta de pedras (pedaços partidos desta mesma base) e da vegetação típica da região, a caatinga. Devido a constante mudança de temperatura (dias muito quentes e noites frias) a rocha dilata e contrai em pouco tempo e, por isso, racha, gerando fissuras e soltando blocos que vão se desgastando e tomando ao longo do tempo formas arredondadas. Em algumas pedras são encontradas pinturas rupestres atribuídas aos índios Cariris, que viveram na região há cerca de doze mil anos. Essa formação data de mais de quinhentos milhões de anos (período pré-cambriano).

[5] O conceito de “rugosidade” de Milton Santos refere-se às características espaciais de determinado lugar que permanecem do passado, como, por exemplo, sua morfologia urbana, seu espaço construído, sua paisagem, seus arranjos e reapropriações. Consiste na “inércia dinâmica” das formas herdadas. Tudo aquilo que fica, se substitui e/ou se acumula do processo de transformação (supressão, acumulação e/ou superposição - Santos, 2006, p. 89-92; Idem, 1994, p. 140).

[6] Vale ressaltar que toda técnica possui a possibilidade de um grau de reapropiamento/readequação de seus fins.